

JORNAL: JORNAL DO BRASIL LOCAL: GUANABARA

DATA: 30/12/1959 AUTOR: Mário Pedrosa

TÍTULO: ARTES VISUAIS ^{Seção} PARADOXO DA ARTE MODERNA BRASILEIRA ^{Título}

ASSUNTO: PEDROSA ANALISANDO MOSTRA BRAS. NA

EUROPA E REAÇÃO CRÍTICOS EXTRAN.

Jornal do Brasil 30.12.1959

ARTES VISUAIS

Paradoxo da arte moderna brasileira

Mário Pedrosa

Na chusma de críticos e criticóides estrangeiríssimos, importantíssimos, que se têm dignado comentar a mostra brasileira que anda pela Europa, raro é o que tem algo de inteligente ou de penetrante a dizer. A maioria é de um convencionalismo, de uma vacuidade a dar dó. Um desses que chegaram a dizer alguma coisa interessante e instrutiva foi o Sr. Jorge Lampe, de *Die Presse*, Viena.

Depois de referências naturais ou obrigatórias aos veteranos como Di Cavalcanti e Portinari, aos pintores ditos primitivos, e, também, "naturais e obrigatórias" aos que se alinham na corrente internacional dominante, notou êle o que na mostra era, sem dúvida, o fenômeno mais estranho: a predominância do chamado abstracionismo geométrico. Por que será? Qual a causa dessa predominância, desse *arcaísmo* num país novo, nas condições do Brasil? Isto é, de um país, como observou com extrema acuidade o crítico, ou "um povo que vive num meio subtropical, no qual a natureza ameaça a cada passo absorver a intencionalidade do habitante?". Até hoje não tinha visto em nenhum estrangeiro tamanho rasgo de compreensão do nosso caso cultural.

Em geral, os contrades de além-mar, quando saem de seus cuidados para visitar uma exposição da arte de país longínquo, na periferia européia, como o Brasil, vagamente inundado no conceito geográfico de *américa do sul*, trazem consigo opiniões dogmáticas que não admitem sejam postas em xeque. Vão, e logo procuram na sala ou salas os papagaios, isto é, as cores berrantes, negros no eito, índios bravios, taperas, florestas, narrativas pitorescas etc. — e, se encontram, aprovam, satisfeitos; se não encontram, não conseguem esconder o despeito. Depois, procuram os que estão fazendo coisas que lhes são agora familiares nos próprios países, ou mais de acordo com o gosto internacional vigente, e se encontram, dirão — "está bem", mas, observam, superiormente, precisam ser "mais individuais" ou "mais seguros" ou "mais" não sei mais o quê. Dão, porém, de qualquer modo, sua notinha de consolação e encorajamento, e passam adiante. Se topam, porém, com algo como a velha tendência da abstração geometrizarante, externalizam logo sua irritação, não se detêm, e, afirmam irônicos e sabichões, que "Mondrian já passou há muito tempo", embora esteja eu seguro de que, em sua maioria, todos êsses sujeitos nunca passaram, realmente, pela experiência do neoplasticismo, etc.

Nenhum, porém, jamais se deteve para indagar da causa desse paradoxo da arte moderna no Brasil. Eis que o Sr. Lampe o fez, e com que penetração: "Mais impressionantes, mesmo para espectadores que, como o autor destes comentários, se afastam das construções geométricas específicas da pintura moderna, são as abstrações geométricas, cujos autores dominam esta exposição". Diante de fato com efeito tão estranho, o crítico especula, investiga, indaga, entre curioso e inquieto: "E o visitante, diante deste fato, vê-se impellido a formular consigo mesmo a seguinte pergunta: como pode tal tendência crescer a ponto de dominar a produção artística de um povo que vive num meio subtropical, no qual a natureza ameaça...", etc.? Se a questão levantada era pertinente e interessante, sua resposta é de mesma penetração e valor.

Vejam-na: "A não ser que tenha sido precisamente como reação ou defesa contra esta circunstância ameaçadora, e contra o caos borbulhante." Eis aí uma intuição realmente luminosa, que o crítico completa com esta magistral proposição: "De qualquer forma, as obras de Serpa, Dacosta, Décio Vieira, Lígia Clark e, sobretudo, Volpi são o resultado de uma vontade profunda, e não de um calculado formalismo." Vejam como é penetrante a observação: as obras de um Dacosta, de um Volpi não são resultado "de um calculado formalismo" mas "de uma vontade profunda". E êle divisa ainda o mesmo espírito, a mesma vontade num Weismann, com suas esculturas construtivas. E depois de ver, indagar-se, declara, com todas as letras, que nisso, nessa paradoxal expressão artística "de uma vontade profunda" estava "o ponto mais alto da mostra", e "nela se observam a coesão e o paralelismo com a arquitetura moderna brasileira, de fama internacional".

Ultrapassando o plano do gosto ou da moda cosmopolita, ou o plano não estético das considerações sociais e pitorescas, relativamente à produção artística de um país como o nosso, o crítico Jorge Lampe, de Viena, atinge em cheio o que há de mais enigmático e também de mais original, de mais especificamente brasileiro, de mais vernáculo, talvez, na produção artística e cultural atual do país. E é o caso de se perguntar: Não estará saindo desse paradoxo, dessa "vontade profunda" o embrião ainda precário, mas já existente, de uma arte brasileira moderna e autóctone, isto é, autenticamente regional, de saborosos e fortes acentos dialetais, na grande linguagem abstrata universal? Como já é o caso com a nossa arquitetura moderna?